



Adriano Wintterⁱ

FOTO-FÁTUO

léguas de lágrimas
religam
na hidroelétrica
do meu cérebro

bruscas turbinas
da libido
e a luz
ilusiva
de Eros
paqueras giram
e geram
férteis faíscas
na pele

azul
vermelho
amarelo
letreiros piscam
no plexo:

“UM FUTURO JUNTOS”

“CASA COMIGO”

“AMOR ETERNO”

mas rompe-se o muro
e a realidade
impõe seu blecaute
ao mundo que imerge

eternidade?
brilhos breves

BRINDES ÍNTIMOS

a celebração
da forma

- por si -

não pode

percutir cristais
na taça eterna

só
afetos reais
triscando o mudo
mistério
provocam impactos
pelos quais
tais brindes retinam
no cérebro

bruscos belos bárbaros

“FUGIT IRREPARABILE TEMPUS”

AMA quando acontece

 não espera
 um
 futuro facho
 que revele
 essa luz ancestral
 na tua pele

AMA aqui
 e agora
 que o resto é treva
 ou memória

SAÍDA

sei atalhos
para baixo

o itinerário
da perda

esta vereda
por exemplo

leva à lapa
da loucura

ou aquela
- solitária -
cai no ossário
dos suicidas

sei as sendas
para cima

o lento roteiro
da conquista:

grandes colapsos
e agonias
obrigando
a abrir trilhas

entre atros
de abismos
e a constelação
dos cimos

ÁRVORE DA ANGÚSTIA

oh
brutal
baobá

meus
músculos nus
não
podem tombar
teu caule

nem
minha razão
cortar
tuas
raízes-górgonas

só a
suave
clave
da Caridade

com sua flauta
solar

límpidas árias
de águas

te abduz e
dissolve

- sem deixar
escória -

no meu corpo-solo

RUSH

I

Nilo de faróis sobe a estepe de trevas

as margens sujas, decibéis
em lóbulos

vinte vezes
foi o fim

vinte e uma
recomeçamos

o que dizer?
o que meu século
precisa escutar?

óssea é a foz
eu vos revelo
ó hostes de almas
em dunas de tédio

apesar do neon
shoppings, chips e telas
vós ainda remais
contra os occipitais
e as frias costelas

a lítera arte
que desprezais
olhando o viaduto
poderia harpejar:

vejo estrelas vermelhas
como litros de lava
suspensos no ar

mas é pouca a beleza
por isso os narcóticos
vos erguem cleópatras
e invejais os ramsés

II

minhas artérias latejam
 minhas artérias latejam
 bravas bravas bravas

eu trago mirra
 eu trago ágape
 eu trago vinho
 eu trago bálsamo

mas alguém me ouvirá?

em breve, dezembro
 com tim-tim de taças
 mimosos laços e votos
 às tumbas de ácaros
 enfim chegará

labaredas de lótus
 em buquês
 de artifício

assim o ano novo
 pelo céu trevoso
 re-iniciará

3, 2, 1

voilà!

voilà!

voilà!

o homem, porém
 em sua alma defunta
 símile do tempo
 se renovará?

eu sou o arco
 entre Deus e o nada
 e minha vida: a única flecha

se descer à terra
 - faraó
 no sarcófago? -
 quero estar encravado
 sobre o círculo nobre
 dos que foram melhores
 que seus antepassados

eis meu alvo!

OS ÁTILAS

até o fim
seremos hunos, caçando
a presa do sexo

(o terno
antílope do afeto
sequer interessa)

por estepes de ouro
tundras de prata e de cetros
cavalgamos, saqueadores

a pisar (oh prazer!)
o crânio flébil das flores

somos os brancos que nas grutas
sob espessa neblina
de frituras e nicotina
ao recordar o Eterno
(porque cansados
ou ébrios)

correm ao totem da web
ou adoram dvds
que amenizam o tédio

iluminado, talvez
algum de nós vira místico
monge, poeta

- um
dentre bilhões! -

então, maior que a chibata
e melhor que o desprezo
a incompreensão
é o castigo
com que o banimos

até o fim mijaremos
no cadáver das preces
e diarreias poremos
na goela dos versos

para nós um arbusto
será sempre um arbusto
uma pedra uma pedra
a mulher a mulher
não importa o crepúsculo
o perfil nívoo da árvore
um voo vermelho
de pássaro

lua e estrelas, para nós
são referências geográficas

só tememos os olhos
de nossas crianças
por isso violamos
sua carne tão cedo:

que se pervertam
que cresçam
a pureza
a pureza
é o inimigo!

só vencemos fraquezas
com delícias e vícios

- eis o segredo
da rudeza perpétua -

até o fim
seremos átilas

NOVO AMOR

I

apesar dos chacais, aqui estás
disposto a mais
essa aventura

(núbil
ou inútil)
em busca
do Absoluto

tu não aprendes com a dor
é teu defeito

o peito
repete o furto

e o fatigado
fígado
- casmurro ao
cárcere -
gladia com a harpia
da solidão

aqui estás
no fracasso de tudo
com frustração e furor
asco e pânico
e crises de cólera comprovam
que não és um anjo

II

hécrico pulsar

de diamantes
que revigoras
quando avanças

ampla
unidade de
relâmpagos, fusão
de infâncias, cura
das pústulas espúrias, ocase
das culpas, enlace
de exílios, riso cúmplice
sono unívoco

isso
esperas da Verdade
e seu milagre

pois não aprendes com a dor:
amas sempre

ⁱ Adriano WINTTER - Nasceu e reside em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Foi vencedor do Femup 2010 e integrou sua antologia. Tem coletâneas publicadas nas revistas Germina, Aliás, Eutomia, Separata (México) e Triplov (Portugal), além de poemas no Jornal Poesia Viva e na série Alfa (Espanha).

Edita o blog: <http://adrianowintter.wordpress.com>

E-mail: adriano.wintter@gmail.com